

A INFLUÊNCIA DA AUTOESTIMA COMO MOTIVADOR DA APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO ESPECIAL

Angela Maria Azevedo Moraes; Francislene da Silva Faustino

Professor; Curso de Graduação de Licenciatura de Pedagogia; Centro Universitário de Itajubá – Fepi;
angela_mam@yahoo.com.br;

Estudante; Curso de Graduação de Licenciatura em Pedagogia; Centro Universitário de Itajubá – Fepi;
francysfaustino@bol.com.br.

RESUMO

A influência da autoestima e da motivação no processo de ensino-aprendizagem, é fator fundamental para aquisição do conhecimento. Este artigo tem como objetivo demonstrar como a baixa autoestima influencia neste processo relando a experiência do acompanhamento e observação de alunos de Educação Especial. Este acompanhamento se dá através das intervenções pedagógicas contempladas na proposta do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência – Pibid em parceria com o Centro Universitário de Itajubá – Fepi, realizada na Escola Estadual Novo Tempo em Itajubá – MG. As intervenções são realizadas através de aulas planejadas e dinâmicas, onde se pode observar a introspecção dos alunos e a necessidade da motivação como fator fundamental para a aquisição de conhecimento.

Palavras-chave: Educação Especial. Práticas Pedagógicas. Motivação. Educação Inclusiva.

INTRODUÇÃO

A Educação Especial ainda hoje é um assunto que causa polêmica. De um lado há professores que ainda se dizem não estar preparados, do outro lado a lei garante a oferta da Educação Especial preferencialmente na rede pública de ensino (BRASIL, 2011). O que não se pode negar é que essa realidade existe e que esses alunos precisam ser atendidos.

É comum se escutar nas salas de professores das escolas regulares, que determinados alunos não conseguem acompanhar a turma, que não conseguem terminar as atividades propostas no mesmo tempo que o restante e que, parecem “viajar” durante as aulas. Diante dessa fala, percebe-se que ainda hoje, a escola tenta a todo custo tornar a sala homogênea e fazer com que todos os alunos estejam no mesmo nível de aprendizagem, sem respeitar a individualidade de cada um, fazendo com que estes se “adaptem” a maioria (MEC, SEESP, 2007).

Cada vez mais os alunos sentem-se fora do padrão da escola, pois eles sempre são os últimos a terminar, muitas vezes não conseguem fazer as atividades impostas com a mesma agilidade que os demais, o que os deixa frustrados por não acompanharem os demais colegas. Por sua vez, de tanto escutar e observar o professor criticar estes alunos, a

própria turma passa a repetir que “fulano” tem dificuldades, que ele está sempre atrasado e que acaba atrasando a turma. Tal situação, só acaba por frustrar mais ainda estes alunos que, além de receber rótulos da escola, acabam se auto rotulando, causando uma baixa autoestima que os fazem não se interessar pelo aprendizado.

Ao observar o trabalho realizado em Escolas de Educação Especial onde todos os alunos que estudam apresentam dificuldades, deficiências e transtornos, percebe-se ainda mais a falta de vontade de aprender, pois eles não se sentem desafiados, não enxergando no outro um espelho a seguir. Ressalta-se ainda, que na maioria das vezes, estes alunos não encontram na família um estímulo a aprender e nem a sanar ou amenizar as dificuldades de aprendizagem. Ao contrário, por muitas das vezes o que ocorre é a ênfase das dificuldades ao invés de estimular as potencialidades destes.

É necessária uma mudança de paradigmas, onde as atividades são mecânicas, feitas para um único público, como se não houvesse ritmos diferentes e dificuldades de aprendizagens, desrespeitando a heterogenidade da sala. É fundamental que a escola desenvolva propostas pedagógicas não conservadoras, que contemplem as necessidades de todos os alunos, com atividades dinâmicas e prazerosas que atendam a essa diversidade. Isso não significa que o professor não poderá subdividir a sala

em pequenos grupos, desde que os alunos com necessidades especiais não fiquem sempre isolados num mesmo grupo, movimentando-se de forma a interagir com toda a sala. Os alunos com distúrbios de aprendizagem devem participar de grupos heterogêneos (GLAT, 2007).

Dinamizar as aulas com atividades contextualizadas, utilizando de metodologias diferenciadas e de diversos recursos, é fundamental para favorecer a aprendizagem. Os recursos tecnológicos são grandes aliados para suprir as dificuldades desses alunos, tornando a aprendizagem mais significativa pois o aluno pode perceber as situações como problemáticas (ROGERS, 1997) desenvolvendo o espírito crítico e investigativo deste.

É dever da instituição favorecer oportunidades de aprendizagem, sejam alunos com necessidades especiais ou não, motivando-os a querer aprender e a participar das atividades que envolvam aquisição de conhecimento. Segundo, ainda, Glat:

A Educação Inclusiva não pode significar, portanto, como levemente vem acontecendo em alguns sistemas escolares, a descontinuação dos serviços da Educação Especial. Muito pelo contrário, de certa forma, esses serviços são até ampliados na medida em que esta deixa de ser uma modalidade paralela, tornando-se um elemento integrante e integrador presente no cotidiano de todas as escolas. Em outras palavras, com a adoção desta nova proposta educacional rompe-se a dicotomia entre ensino "especial" e ensino "regular". (GLAT, 2007, p. 191).

MATERIAL E MÉTODOS

O presente trabalho utilizou-se do acompanhamento e observação de nove alunos do 5º Ano da Escola Estadual Novo Tempo de Educação Especial, com faixa etária entre doze e dezesseis anos. Foi disponibilizado pela Escola os PDIs (Plano de Desenvolvimento Individual) de todos os alunos, que foram fundamentais para o planejamento das atividades com intuito de desenvolver as habilidades cognitivas, metacognitivas, motoras, emocionais e sociais que estes ainda não alcançaram. Iniciou-se o trabalho conversando com os alunos, investigando a realidade social, as perspectivas de vida, os interesses e o conhecimento de mundo. Através desta investigação, percebeu-se o quanto estes

alunos apresentam uma baixa autoestima, desacreditando neles próprios e na possibilidade de se tornarem cidadãos independentes e capazes. Através deste primeiro contato, foi possível um planejamento mais flexível, que foi construído previamente, porém discutido e reformulado juntamente com os alunos. Dentro das competências e habilidades a serem desenvolvidas com eles, foram utilizadas atividades com uso de karaokê, jogos de alfabetização, criação de jogos pelos próprios alunos, conto e reconto de histórias, brincadeiras de mímica, criações com argila, EVA, utilização de notebook, Datashow, caixa de som e câmera fotográfica para registrar todas as atividades. O Projeto conta com um Blog e uma Grupo numa Rede Social, onde são postados fotos e vídeos do desenvolvimento das atividades com os mesmos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Todas as atividades planejadas e aplicadas apresentam um retorno positivo quanto à motivação dos alunos que tem apresentado mais confiança ao se expressarem. As aulas foram preparadas com base na avaliação individual de cada aluno, com intuito de desenvolver as competências e habilidades que eles ainda não alcançaram. Percebeu-se que ao mesmo tempo em que infantilizam certas atividades, em outras não tem maturidade para compreensão. Portanto todas as atividades praticadas levam em consideração a faixa etária (a idade mental e não a biológica) e o contexto sócio econômico em que se encontram. Como se trata de alunos em defasagem de idade, a maioria já adolescente ou na pré-adolescência, é necessário que a motivação para participar das aulas e querer voltar no próximo encontro seja fundamental. Por isso, a cada encontro é necessário utilizar do reforço positivo, levando lanches diferentes, balas, chocolates que são distribuídos ao final do encontro fazendo assim com que estes alunos sintam vontade de voltar novamente. Existe uma grande dificuldade de estimular a vontade de querer aprender, pois eles mesmos se intitulam incapazes, não se interessam por atividades que incluam leitura e escrita e são claros em dizer que não sabem ler, sem ao menos tentar. O fato de se verem nas publicações tanto do Blog quanto do Grupo da Rede Social, contribui para a melhora na autoestima, pois os faz sentir-se importantes e valorizados.

CONCLUSÕES

O projeto procura desenvolver habilidades e competências nos Bolsistas PIBidianos e proporcionar experiências que só podem ser vivenciadas dentro da escola. Não há uma

conclusão final, visto que o projeto ainda está em fase de acompanhamento e desenvolvimento, porém já há uma melhora relativa na autoestima, no comportamento, nos procedimentos e nas atitudes dos alunos atendidos, bem como a ampliação da visão de mundo destes.

A interação entre alunos, quando ocorre de forma sadia numa escola regular, acaba por favorecer de forma mais eficiente e eficaz o aprendizado. O professor precisa estar preparado e disposto a promover essa inclusão, de modo a estimular e motivar a aquisição de conhecimento. Quando ocorre o convívio apenas de alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem, estes não se sentem desafiados e a escola acaba por, de certa forma, fazer a exclusão ao invés da inclusão.

Ao final do projeto espera-se que, os alunos atendidos sejam capazes de acreditar mais em suas capacidades e habilidades, tornem-se mais críticos, seguros, responsáveis e independentes.

Ao passo que, a experiência vivenciada juntamente com esses alunos traz para os Bolsistas PIBidianos um ganho tanto para a formação profissional quanto pessoal.

REFERÊNCIAS

BATISTA, C. A. M. **Educação Inclusiva:** atendimento educacional especializado para deficiência mental. [3. ed]. Brasília: MEC, SEESP, 2007.

BRASIL. Decreto nº 7.611 de 17 de novembro de 2011. Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2011/decreto/d7611.htm. Acesso em agosto de 2015.

GLAT, R. (Org.) **Educação Inclusiva:** Cultura e Cotidiano Escolar. Rio de Janeiro, RJ: 7Letras, 2007.

ROGERS, C. R. **Tornar-se Pessoa.** São Paulo, SP: Martins Fontes, 1997.